

*Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas*  
*Instituto de Filosofia, Artes e Cultura*  
*Universidade Federal de Ouro Preto*  
ISSN: 2596-0229

**MANTER VIVA A ATIVIDADE NO ABANO**  
**Apresentação do Dossiê “Poéticas Negras e Periféricas**  
**no contexto da América Latina” - 1**

TO FAN THE FIRE


Presentation of the special issue “Black and Peripheral Poetics in the Latin America” context - 1

Altamar Di Monteiro

 <https://orcid.org/0000-0002-1633-3235>

Anderson Feliciano

 <https://orcid.org/0009-0006-1693-8070>

 [doi.org/10.70446/ephemera.v8i16.8294](https://doi.org/10.70446/ephemera.v8i16.8294)

## **Apresentação do Dossiê “Poéticas Negras e Periféricas no contexto da América Latina” - 1:**

### **Manter viva a atividade no abano**

Em “Um mundo ch’ixi é possível: ensaios de um presente em crise”, a intelectual e ativista boliviana de origem aimará, Silvia Rivera Cusicanqui (2024) aponta que o aimará tem quatro pessoas gramaticais e não somente três: eu, tu, ele/ela. A quarta pessoa: o *jiwasa*, segundo ela, não é considerado “um eu plural, mas uma pessoa singular e também coletiva” (Cusicanqui, 2024, p. 104). De modo similar, em “A terra dá, a terra quer”, o filósofo, poeta, escritor, líder quilombola e ativista brasileiro Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 32) anuncia: “quando falamos de indivíduo, estamos falando de unidade, estamos dizendo “um”, mas esse “um” é parte do todo, do universo”. Há no esforço em relacionar Cusicanqui e Santos um desejo genuíno de delinear a potência de um pensamento sobre aquele “pueblo sin piernas, pero que camina”. Fabular este encontro acerca de um grande rio numa noite fria, aquecidos pelo fogo é o espírito deste dossiê. O exercício de imaginação curatorial organizou uma grande roda em torno da fogueira e colocou as ideias em jogo. Em diálogo, as vozes que compõem esta edição somam forças ao coro que há anos vem anunciando um presente em crise, mas repleto de possibilidades de reinvenção de novos mundos. Ao redor dessa fogueira, também reivindicamos nossas desigualdades e contradições e não abrimos mão de uma existência que prima pelo envolvimento, apesar da ostensividade das ideias desenvolvimentistas.

Esta edição do dossiê cresce do encontro de pensadores e pensadoras, gente que faz arte fazendo mundos, gente que pensa o mundo por meio de seu fazer arte: na performance, na cena, no jogo, no rito, na brincadeira, na performatividade, em todas as formas de afirmar a vida. E a grande boniteza desse encontro feito ao redor do fogo, sua singularidade, é afirmar o que as negruras estão inventando, fabulando, fazendo crescer através da vida negra no mundo. Este dossiê cresce também do encontro entre Altemar Di Monteiro e Anderson Feliciano no Grupo de Pesquisa Negruras, espaço de aquilombamento de pesquisadores negros e negras na UFMG que têm buscado pensar o que a Negrura, como acervo de conhecimento, faz no mundo. A partir do convite da Professora Nina Caetano, pudemos pensar numa edição que articula grande parte dos debates que temos empreendido nesse espaço de pesquisa, tramando a relação entre os estudos teóricos e práticos que temos vivenciado com parte do grande acervo de pesquisadores negros e negras espalhados nessas Américas Latinas.

São muitas as produções intelectuais e estéticas que fazem da negrura um lugar polifônico, cheio de vertentes, confluências e convergências, o que mostra que, definitivamente, não existe uma poética negra e periférica una, obediente a uma norma, fixa em si mesma. O que vemos é, como Édouard Glissant (2021) disse, uma poética da relação, tecida numa coletividade ampla, na diáspora africana, nas recriações nas Américas, nas invenções periféricas, na circulação de modos singulares de produzir conhecimento no encontro, pelo encontro, vivo da encruzilhada, da chama que se acende toda vez que nos encontramos. São tantas as abordagens, propostas,



experimentações poéticas e fabulações teóricas que foi impossível fechar este dossiê em apenas uma edição. O grande número de artigos recebidos nos deixou animados e com o esforço de dividi-los em dois números.

O primeiro volume de nosso dossiê reúne investigações e experimentações que, vindas de diferentes geografias e linguagens, convergem no trabalho de afirmar as poéticas negras e periféricas como práticas de reexistência, fabulação crítica e criação de mundos. Os textos, atravessando o teatro, a dança, a música, a literatura, as artes visuais e a educação, fazem do corpo o eixo central de elaboração estética, política e pedagógica. Entre rituais e performances, improvisações e arquivos, lampejos e escuridão, emerge uma escuta sensível às memórias negrodiaspóricas e às pedagogias que crescem desde a experiência negra. A singularidade deste volume está na articulação entre arte e pensamento, em que cada trabalho faz da criação um campo de emancipação e aprendizado, evidenciando modos de existência ancorados na ancestralidade, na coletividade e na invenção do futuro.

Anne Quiangala abre o dossiê com *Há mesmo justiça em crimes de sangue?*, uma análise que aproxima a tragédia grega *Oréstia* e o conto caribenho *O Truque da Garrafa de Vidro*, de Nalo Hopkinson, para discutir continuidades históricas entre crimes de sangue e feminicídios. A autora articula elementos intertextuais que colocam em diálogo Clitemnestra e Beatrice, conectando diferentes eras e geografias marcadas pela violência de gênero e racial, movendo a reflexão sobre justiça retributiva e consciência contracolonial, abrindo o dossiê para um trabalho de transfluência entre tempos, territórios e linguagens.

Na sequência, nesse jogo de fazer crescer relações, Ana Beatriz Coutinho Rezende e Lara Barbosa Couto trazem à cena, com o texto *Margens que deslocam o centro*, as práticas de Rosângela Silvestre, Astrid González e Kettly Noël. A análise evidencia como essas artistas elaboram corpos-espírais que mobilizam saberes ancestrais e contemporâneos, criando tecnologias corporais de resistência e reinvenção. Entre tradição e contemporaneidade, suas obras afirmam o corpo feminino negro como território poético e pedagógico, produtor de outras temporalidades e epistemologias no contexto da arte latino-americana.

Neste escopo das teorias que crescem nos feminismos negros, Maria Fernanda de Oliveira Ruas propõe um estudo do *rap* do grupo Racionais MC's. Dialogando com autoras como bell hooks, Audre Lorde, Patricia Hill Collins e Saidiya Hartman, no texto *Eles pensados por elas*, a autora reflete sobre as vozes periféricas como produtoras de pensamento e consciência política. O artigo mostra como o grupo, ao narrar violências e resistências urbanas, formula um discurso de fabulação crítica, evidenciando o *hip hop* como espaço de existência e de elaboração coletiva das experiências negras, principalmente nas periferias brasileiras.

Exatamente nesse fluxo de pensar a palavra e dando sequência aos estudos sobre a cena periférica, em *Encantando a língua*, Natana Coelho examina as experiências de jovens poetas negros/as e periféricos/as em um sarau escolar. A pesquisa, realizada a partir da observação participante e



de entrevistas narrativas, mostra a poesia marginal como arma simbólica contra o apagamento e a invisibilidade.

Para seguir depois dessa leitura, o texto de Marcone Loiola dos Santos e Natalino Neves da Silva voltam-se à festa e à música afrocarnavalesca do bloco Angola Janga, em Belo Horizonte, para compreender o ritmo como um dos elementos da Educação Popular Negra. No artigo *Educação na rítmica ancestral*, a observação participante e as entrevistas narrativas revelam a atmosfera percussiva como prática de recriação dos saberes ancestrais africanos e afro-brasileiros, articulando corporeidades, sensibilidades e emancipação.

Em diálogo direto com essa dimensão formativa e corporal, seguimos o dossiê propondo uma entrevista com o professor de teatro e babalorixá Gustavo Melo Cerqueira. Nesse diálogo registrado no texto *Improvisação e Saberes de Axé*, a conversa buscou articular as interseções entre improvisação, pedagogia teatral e saberes de axé, temas caros ao novo livro de Altemar Di Monteiro: “Jogo Negro no Mundo”. A conversa, marcada pela escuta e pela reciprocidade crítica, articula a improvisação como inteligência negra, construída na relação com os repertórios da memória e do corpo. A pedagogia espiralar, inspirada por Makota Valdina Pinto e pelos terreiros, é apresentada como modo de existir e fazer aprender.

Nesse amplo mosaico da relação entre arte e saberes de axé, Bianca Andrade Tinoco e Daniela Felix Martins seguem a trilha das ritualidades afro-brasileiras no artigo *Conexões parciais entre ritual e performance em Bori* para analisar o trabalho de Ayrson Heráclito. A performance é compreendida como um espaço de mediação entre arte e religião, em que o ritual de oferenda ao ori ganha dimensão estética e museal. As autoras destacam o jogo de analogias e as sutilezas do processo performático, nas quais se articulam memória, ancestralidade e criação, expandindo os debates sobre representação e transposição ritual no campo da arte contemporânea.

Gildete Paulo Rocha segue nosso dossiê pensando teatro no texto *Cabaré da Rrrrrraça, Bando de Teatro Olodum*. A partir do trabalho do *Bando*, o artigo observa o riso como mecanismo de enfrentamento ao racismo, pensado como corpo-riso-corporeidade-negra e como espaço-tempo de encruzilhamento. O riso racista e o riso antirracista são colocados em pauta, instaurando um debate sobre o que a autora define como riso decolonial.

Para seguirmos nos estudos decoloniais, em *Amazonáfricas: engajamento, criouliização e semovência literárias em Amílcar Cabral e Bruno de Menezes* vemos uma análise comparativa do trabalho de dois artistas que busca compreender como as obras desses autores expressam resistência à hegemonia cultural imposta pela colonialidade do poder. José Guilherme dos Santos Fernandes, Sylvia Maria Trusen e Rayane Tamborini Martins mostram que, mesmo separados por contextos espaciais e temporais distintos, os dois poetas constroem uma poética de enfrentamento às estruturas coloniais, resignificando a língua do colonizador a partir de meios tocados pela luta decolonial, seja na periferia urbana da Amazônia paraense, ou nas tórridas paragens insulares caboverdianas.



Luciane da Silva, em sequência, propõe um deslocamento sensorial com a *Escuta Profunda*, prática que compreende a atenção e a sensibilidade como caminhos de crítica às formas hegemônicas de percepção. Inspirada em Pauline Oliveros e nas recriações da Anikaya Dance Theater, a autora discute a escuta como gesto encarnado e educativo. Articulando dança, afrodíaspóra e imaginação, o artigo propõe habitar a escuridão como espaço de interdependência e transformação.

Ao redor da nossa fogueira, a pesquisadora mapuche María Moreno Rayman amplia o horizonte geográfico e afetivo do dossiê ao relatar o Festival Kurüche, no território ancestral do Wallmapu, sul do Chile. Em *Territorios de efusión*, a autora apresenta o festival como espaço de autorrepresentação e visibilização das corporalidades mapuche e afrodescendentes. O texto, tecido como memória corporal, evidencia a potência política e criativa dessas presenças na construção de um campo de convivência e efusão multiversa.

Encerrando o dossiê, Valdimere Pereira de Souza apresenta *Movimentos de Vênus: Fartura, Fascinação e Feitiço (Conjunto 2018–2025)*, obra que entrelaça memória, arquivo e imagem. Ao propor um conjunto de ensaios-fotografias como relicário de vidas e histórias afro-brasileiras, a autora projeta possibilidades de existência fabuladas pela celebração e pela continuidade. Sua criação convida à reflexão sobre a potência de reconfigurar o passado e imaginar futuros nos quais somos capazes de amar, ser amados e ser felizes.

A chama desse encontro não se apaga. Ela segue queimando. Observem as faíscas da brasa, o calor que emana do pensamento negro contemporâneo. Sintam as sombras do escuro que nos rodeia. Deixemos os vestígios nos moverem, catando em cada movimento a possibilidade ardente de um outro mundo. Ainda no exercício de imaginação radical, após esse longo percurso sentados com Cusicanqui e Bispo dos Santos ao redor do fogo, ativando a escuta profunda, nos resta alimentar a roda. Como diz Itamar Vieira Júnior: salvar o fogo! Ou como cantado por Clementina de Jesus em um de seus cantos de trabalho, manter a atividade no abano antes que o fogo se apague.



### **Referências**

ALEIXO, Ricardo. Em busca de uma poética da performance. *Revista Cult*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/em-busca-de-uma-poetica-da-performance/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/ Piseagrama, 2023.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Um mundo CH'IXI é possível: ensaios de um presente em crise*. Tradução: Sue Iamamoto. São Paulo: Editora Elefante: 2024.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

JUNIOR, Itamar Vieira. *Salvar o Fogo*. São Paulo: Editora Todavia, 2023.



### **Biografia acadêmica**

Altemar Di Monteiro (Altemar Gomes Monteiro) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Professor adjunto de Teatro na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: [altemargm@yahoo.com.br](mailto:altemargm@yahoo.com.br)

Anderson Feliciano da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
Mestre pela Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: [anderson.feliciano@aluno.ufop.edu.br](mailto:anderson.feliciano@aluno.ufop.edu.br)

### **Direitos autorais**

Altemar Di Monteiro e Anderson Feliciano

### **Licenciamento**

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

